

CRÍTICA TEATRO | SELVA: SOLIDÃO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

Angústia metafísica

Vinícius Teixeira em 'Selva: Solidão': é poético o encontro entre encenador e ator que comungam a mesma disposição criativa

Num ideário do ator Vinícius Teixeira, que divide a dramaturgia com o diretor Jefferson Almeida, "Selva: Solidão" recebe influências de Artaud e seu teatro da Crueldade, buscando uma subjetividade potente, na qual o teatro abre mão da digestão fácil. Há uma imersão no vazio existencial, onde o texto expõe, com criatividade, como a solidão LGBTQIAPN+

comporta-se diante dos efeitos desoladores a reboque de uma sociedade heteronormativa. Antônio, Jonathan e Luiz Felipe são homens gays aturdidos no desespero de amarem ou serem amados. E na selva, cada vez mais solitária que vivemos, procuram em seus parceiros detectar suas próprias identidades.

A narrativa estrutura rupturas, nas quais as personagens vão conglomerando-se, configurando uma carpintaria sólida. O texto é tão violento

quanto divertido, desmistificando uma realidade nua e crua. As personagens relacionam-se na velocidade do tempo acelerado que o dia a dia obriga-nos, revelando a inevitabilidade da dor.

A vigorosa e perspicaz direção de Jefferson Almeida adiciona elementos que corroboram para que o espetáculo triunfe em teatralidade. Conduzir monólogo é incumbência perigosa, mas tudo flui poderosamente e por vezes não identificamos

o que vem do processo de encenação ou do ator ou da fusão tocante de ambos. O palco é persuadido por ações, ideias, pensamentos, silêncios, que preenchem a sensorialidade da plateia. Marcas inventivas, fabricando angústia e riso, muitas vezes patético. A cena que uma das personagens padece e sorri quase que ao mesmo tempo é primorosa, além da cena de sexo. A escuridão, que habita na gente, ao final, é emocionante. Tudo faz absoluto sentido.

Cada segundo é dominado pelo talento de Vinícius, efetivando uma montagem instigante. O ator brilha no atendente Jonathan, no garoto de programa Luiz Felipe e no aposentado Antônio, numa corporeidade e psicomotricidade impressionantes. Valoriza o texto com sensibilidade, institui cortes abruptos que desvelam o destempero daqueles seres à beira de um ataque de nervos, infundidos pelo desamparo inerente. Todas as mutações são ligeiras e precisas, onde vozes e estados emocionais são bem desenhados, com ótimo apoio da preparação de Daniel Chagas. Ao desnudar-se o intérprete mistura as personagens com destreza, outro acerto da direção. Estabelece humor nos momentos certos, além de cantarolar "Summertime" harmoniosamente.

A iluminação de Livs cria uma ambiência fascinante, em perfeita sintonia dramaturgicamente, cenografando a cena, sem utilizar o equipamento aéreo da caixa cênica, espalhando refletores em tripés e torres com ribaltas de led, que auxiliam a atmosfera determinada pela direção e pela exuberante direção musical e trilha original de Rafael Lorga.

É poético o encontro entre um encenador e um ator, que conseguem comungar a mesma disposição criativa, designando um espetáculo repleto de beleza e nuances.

SERVIÇO

SELVA: SOLIDÃO

Teatro Glauco Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº) | Até 26/6, quintas e sextas (20h) | R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Charles Pereira/Divulgação



Uma calcinha em fuga

Uma calcinha ganha vida (!) e foge pelas ruas do Rio, levando consigo a protagonista Mônica em busca de respostas. Interpretada por Patrícia Bello, ela enfrenta personagens urbanos, rurais e selvagens enquanto reflete sobre precarização do trabalho, relacionamentos e incertezas em relação ao futuro. A peça interativa "Só percebo que estou correndo quando vejo que estou caindo" une teatro de rua, cabaré e palhaçaria e segue em cartaz no Teatro Municipal Café Pequeno, no Leblon, até 24 de junho. Com João Santucci e Raquel Monteiro.

Ana Alexandrino/Divulgação



Tensões domésticas

Maria retorna a Resende para ficar na casa de seu pai. Lá, convive com Zaida em um ambiente marcado por silêncios e gestos contidos. Entre visitas à igreja e telefonemas misteriosos, emoções latentes emergem, transformando o espaço em conflito interno e desejos que a jovem mal consegue nomear. "Agulhas Negras", espetáculo com dramaturgia de Lara Bereta, segue em cartaz no Teatro Ziembinski, na Tijuca, até domingo (14). No elenco, Lara Bereta e Samen dos Santos. Direção de Rodrigo Cavalini.

Ana Sol/Divulgação



Quando elas têm raiva

Dez mulheres ocupam um teatro decadente em "Angélica", espetáculo dirigido por Nina Tomsic que satiriza toda a raiva feminina num exercício de humor ácido. A montagem mistura textos de Angélica Liddell, números musicais, monólogos de autoficção e 15 esquetes que questionam os padrões da feminilidade. O espetáculo desprezando as boas maneiras tensiona o que seria do mundo se as mulheres fossem tudo aquilo que disseram que não poderiam ser. Em cartaz no Teatro Ziembinski até o dia 17.